

**A DIMENSÃO SUBJETIVA DO MACHISMO NA EDUCAÇÃO:  
SIGNIFICAÇÕES APREENDIDAS EM UMA ESCOLA DE SÃO PAULO NO  
MOVIMENTO DA PESQUISA-TRANS-FORMAÇÃO**

***Eixo Temático 19 - Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,  
Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências***

Gislaine Medeiros Mendes<sup>1</sup>  
Wanda Maria Junqueira de Aguiar<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Tratamos machismo como sinônimo de relações patriarcais de gênero. A educação como mediação pode contribuir com o processo de superação das desigualdades. O objetivo foi analisar a Dimensão Subjetiva do machismo na educação pelas significações de docentes de uma escola pública de São Paulo por meio da Pesquisa-Trans-Formação. Teve como referencia a Psicologia Sócio-histórica. As análises feitas pelos Núcleos de Significação. Apreendeu-se que as políticas públicas, ideologia de gênero e condições objetivas da realidade escolar constituem as significações sobre machismo. Evidenciou-se que escolas de territórios pobres e periféricos podem exercer a função do Estado logo se engendra um sentimento de urgência em superar desigualdades por meio de um posicionamento de enfrentamento.

**Palavras-chave:** Machismo, Dimensão Subjetiva da Realidade, Psicologia Sócio-Histórica, Pesquisa-Trans-Formação .

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho resulta da pesquisa de Mestrado<sup>3</sup> da autora realizada em parceria com o Grupo Atividade Docente e Subjetividade da PUCSP, e com escola parceira da rede municipal de educação da cidade de São Paulo, durante os anos de 2019 a 2021.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Estudos Pós-graduados Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, gimedrod@hotmail.com;

<sup>2</sup> Doutora em Educação: Psicologia da Educação coordenadora do Grupo Atividade Docente e Subjetividade da PUC-SP, [iajunqueira@uol.com.br](mailto:iajunqueira@uol.com.br).

<sup>3</sup> A pesquisa foi fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela concessão de bolsa de estudos integral (CAPES PROSUC MODAL. I)

Desde o final dos anos 1980 e principalmente durante os anos 1990 e início dos anos 2000, o tema gênero ganhou espaço nas discussões no âmbito educacional sob a perspectiva da desigualdade entre homens e mulheres e com muita luta, foram se legitimando possibilidades de implementação de políticas educacionais afirmativas da igualdade de gênero por meio de diretrizes específicas (UNBEHAUM, 2014).

A conquista deve ser evidenciada, mas a luta é permanente, pois ainda falta muito para se conquistar ao mesmo tempo em que é preciso defender o que já era de direito. Sabemos que a formação de professores e um campo de disputa tensionado por perspectivas mais conservadoras, e perspectivas mais revolucionárias, e nos últimos anos a noção conservadora tem ganhado o terreno e conseguido retroceder os avanços conquistados no âmbito da igualdade de gênero.

De 2006 até 2017 os cursos de Pedagogia e licenciaturas eram projetados sob as Diretrizes Curriculares Nacionais da Resolução n. 1 de 2006 do Conselho Nacional de Educação. Em 22 de dezembro de 2017, junto à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais, (DCN), para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica (CNE/CP N°2). Destas normativas, aprovadas em dezembro quase no período de férias escolares, momento em que as comunidades de trabalhadores e pesquisadores da educação estavam desmobilizadas, durante o governo golpista de Michel Temer, o tema gênero foi excluído estando assim as instituições de ensino superior que oferecem cursos de licenciaturas desobrigadas a inserirem estas temáticas nas grades curriculares, ainda que de forma eletiva<sup>4</sup>.

Flávia Biroli (2018, p. 16) apreendeu que a atual conjuntura é marcada pelas reações conservadoras, que superam o conservadorismo ao almejarem mais do que a manutenção do *status quo*, mas sim “revitalizar as resiliências, retomar e aprofundar o controle e a regulação sobre as mulheres, sobre seu corpo, e limitar subjetividades em transformação”.

Executando o projeto conservador/revitalizado das desigualdades, uma das primeiras ações do governo Bolsonaro foi a extinção da Secretaria de Educação

---

<sup>4</sup> As DCNs da Resolução n. 1 de 2006 não tornava obrigatória a abertura de disciplina exclusiva na grade curricular dos cursos, mas exigia que o tema fosse abordado de forma transversal, e em projetos de disciplinas eletivas, iniciação científica, etc.

Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, (SECADI), criada em 2011 e a incorporação da Secretaria de Políticas para as Mulheres<sup>5</sup>, (SPM), de 2004, ao Ministério da Mulher da Família e Direitos Humanos. Durante sua existência estes dois órgãos juntos a outros instituídos da época<sup>6</sup>, instituíram uma série de programas de formação continuada para docentes, com por exemplo o Programa Gênero e Diversidade na Escola, (GDE), que visavam promover uma ação educativa, que fosse amplamente inclusiva para todos e todas.

Sob a falácia de uma *escola sem partido*, e sem *ideologia de gênero* (LEMOS, 2017) esses grupos reacionários cobiçam e lutam para a consolidação do projeto conservador. Como visto, muito já foi perdido em termos de políticas públicas no que se refere a inclusão das discussões de relações de gênero na educação básica e formação de professores. Por isso, é cada vez mais urgente que a educação seja ocupada por grupos revolucionário, que visem produzir um conhecimento acerca das desigualdades que seja comprometido com a superação das mesmas. É preciso fortalecer a escola como o lugar da ciência, do saber e do desenvolvimento humano, para que diluir os discursos de ódio, a-históricos, a-científicos, e religiosos que têm em seu bojo interesses obscuros.

Em face disto, o objetivo deste trabalho foi analisar a dimensão subjetiva do machismo a partir das significações de docentes de uma escola de Ensino Fundamental I e II. A modalidade Pesquisa-Trans-Formação delineou o trabalho na direção deste objetivo, por meio dos seguintes objetivos específicos: apreender as significações acerca do machismo para docentes participantes; analisar as mediações que constituem as significações produzidas pelos professores; promover um espaço formativo colaborativo que favoreça a construção coletiva de uma prática pedagógica que desnaturalize o machismo, com base em um conjunto de valores feministas; analisar o processo de formação com o intuito de apreender os movimentos de mudança em relação ao machismo nas relações entre/com estudantes.

O processo de pesquisa é feito de escolhas, e numa pesquisa sobre a temática gênero a escolha se torna imprescindível dada a amplitude e generalidade que esta categoria possui. Saffioti (2009) compreende que gênero tem grande valor para os

---

<sup>5</sup> Para conhecer mais acesse < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/sobre/spm>>

<sup>6</sup> Secretaria de Direitos Humanos, (SDH); Secretária de Promoção da Igualdade Racial, (SEPPIR).

estudos feministas uma vez que explica que as diferenças não biológicas de homens e mulheres são socialmente construídas, o que contribui com a desnaturalização das desigualdades entre os sexos. No entanto, é preciso admitir que a amplitude e suposta neutralidade do gênero, que fazem dele uma categoria mais “palatável” (p. 33), não expressa a dominação-exploração da mulher na sociedade. Por isso, ela considera que a categoria patriarcado ou relações patriarcais de gênero têm melhores condições de explicar não somente as diferenças entre os sexos, mas as desigualdades existentes entre eles.

Como bem ressalta Saffioti (2015) há uma certa disputa dentro do campo feminista em torno do uso dos termos gênero e patriarcado, ou relações sociais de gênero, relações patriarcais de gênero. Esta autora reconhece a importância destas duas categorias, definindo que gênero corresponde a uma maior amplitude, e patriarcado a algo mais específico, a dominação-exploração da mulher. E é este o fenômeno no âmbito da educação escolar que foi apreendido nesta pesquisa.

É importante esclarecer que, tais terminologias tem grande reconhecimento no campo científico dos estudos feministas, mas nem sempre são reconhecidas ou acessadas por pessoas que não estão inseridas no campo acadêmico, ou envolvidas com estudos feministas. Por isso foi feita a opção de tratar como sinônimos machismo e relações patriarcais de gênero, uma vez que relações patriarcais de gênero podem não revelar muito a um grupo de docentes que não está inteirado de leituras feministas. Já o machismo é popular nas diferentes classes sociais e em grupos de pessoas de diferentes níveis de escolaridade.

Este trabalho foi orientado pela perspectiva sócio-histórica da realidade, com posicionamento marxista, deste horizonte teórico parte-se da materialidade tomada primeiramente em sua aparência. O objetivo é avançar para além da descrição da aparência dos fenômenos investigados para compreender e explicar seu movimento. Auxiliam neste processo as categorias que são os construtos mentais abstraídos da materialidade que permitem teorizar e retornar para a concretude com um olhar mais aprofundado acerca dos objetos de investigação (AGUIAR, MACHADO, 2016).

Para fazer frente a necessidade de acompanhar o movimento do fenômeno, neste trabalho as informações foram analisadas a partir do procedimento dos Núcleos de

Significação proposto por Aguiar e Ozella (2006). Partindo das significações, os momentos de produção de pré-indicadores, indicadores e núcleos, possibilitam a elaboração de sínteses que se articulam e permitem a apreensão da complexidade da realidade que se investiga.

O grupo participante era composto por 6 docentes de uma escola pública da rede municipal de educação de São de Paulo localizada no extremo leste da cidade. O entorno desta escola é composto por favelas, invasões e conjuntos habitacionais, os estudantes são em sua maioria crianças e adolescentes pobres.

O grupo composto por 5 mulheres e 1 homem lecionava para turmas do Ensino Fundamental II, sendo que uma das docentes também dava aulas para o Ensino Fundamental I. Todas docentes e o professor possuem Superior completo, e muitas fizeram especializações diversas. Este grupo é muito ativo em organizações políticas diversas e gostam de participar de palestras e eventos informativos.

As informações foram produzidas em 13 encontros presenciais que duravam em torno de 1:30h realizados durante Jornada Especial Integral de Formação, (JEIF). A pauta dos encontros tinha sempre objetivos formativos-investigativos, e eram definidas a partir das discussões anteriores. Todos os encontros foram gravados em áudio e transcritos. O diário de bordo da pesquisadora, e as imagens fotográficas realizadas neste processo também serviram como elementos de produção de informações.

Apreendemos que o machismo nas relações escolares é um fenômeno de alta complexidade e multideterminado. Os participantes destacam a religião, a conjuntura política, a classe e a geração como mediações determinantes na produção das relações patriarcais de gênero na educação. O grupo constituído por docentes engajadas em processos formativos e atuação política evidenciou a necessidade da constituição de um posicionamento de enfrentamento do machismo na escola, embora se sintam paralisadas diante dos desafios de incorporar este posicionamento na prática pedagógica. A formação continuada e a garantia do acesso ao conhecimento são elencadas como fundamentais na constituição deste posicionamento.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O materialismo histórico e dialético formulado por Marx com a colaboração de Friedrich Engels contribui com a investigação dos fenômenos porque é radicalmente revolucionário, e isto quer dizer que o método de Marx não é revolucionário porque esta articulado com uma ideologia revolucionária, mas sim, porque foi abstraído por uma prática interpretativa e explicativa da realidade, que trazia consigo a crítica e a busca pela superação.

Lessa sintetiza que “Cabe ao método, nas mutáveis condições da vida social, auxiliar na descoberta do como enfrentar eficientemente o desconhecido de modo a convertê-lo em elemento potencializador da práxis humana“ (1999, p. 3). Compreender isto garante a coerência de um método que refuta, e por isso, se engendra no idealismo.

Desta feita, o materialismo histórico e dialético representa um método de investigação que determina a maneira de compreender e atuar no mundo. Assim, utilizando desta abordagem, a pessoa que pesquisa, que investiga determinado fenômeno não emerge diante dele de uma forma etérea, mas se compreende como parte integradora da realidade da qual participa.

Por isso, a modalidade de pesquisa escolhida para esta investigação foi a Pesquisa-Trans-Formação que une em uma unidade os polos Pesquisa e Formação. O que caracteriza tal modalidade é a intencionalidade transformadora da realidade orientada pelo sentido da emancipação humana (MARX, 000).

Nesta modalidade os procedimentos de produção de informação se caracterizam pela diversidade e planejamento coletivo, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Procedimentos de produção de informação e formação

Procedimento	Detalhamento
Discussão coletiva a partir de questão previamente enviada ao grupo	<i>Existe machismo nas relações entre/com estudantes? Como você percebe que ele se expressa? Os homens são também vítimas de machismo?</i> As duas questões iniciais foram formuladas previamente dado objetivo geral. A terceira questão foi inserida após conversa inicial com grupo, na qual emergiu está dúvida. Participantes tiveram cerca de uma semana para pesquisar ou refletir sobre as questões. A discussão sobre elas estendeu-se por cerca de duas semanas. Alguns participantes indicaram que realizaram pesquisas online, outros, que conversaram com o grupo docente sobre as questões.
Exposição teórica o fenômeno	Slides com apresentação sobre categorias: <i>gênero, patriarcado, masculinidades, machismo/relações patriarcais de gênero</i> . Exposição de dados sobre a desigualdade entre homens e mulheres no Brasil. A exposição foi feita de modo dialogado. Esta apresentação foi planejada para um dia, no entanto levamos

	dois dias para a conclusão, e utilizamos os slides durante mais alguns encontros para relembrar os conceitos, exemplificar situações relatadas.
Discussão sobre documentário	<i>O silêncio dos homens.</i> Foi indicado ao grupo que assistisse ao documentário pois discutiríamos sobre ele. Devido ao tempo reduzido, o mesmo não pode ser reproduzido durante o encontro, mas todas as participantes assistiram. Discutimos sobre o material por um encontro. Focando a questão da constituição das masculinidades e de como o patriarcado hierarquiza também as relações masculinas.
Leitura e discussão de artigos/livros	<i>O poder do macho; Relatório de tolerância social a violência contra a mulher, Manual para uma linguagem não sexista.</i> Material para a leitura era indicado previamente para discussão em encontros posteriores. Seleccionávamos trechos que gostaríamos de discutir com o grupo. Dificuldade do grupo em ter tempo e condições para realizar as leituras. Ao apresentarem exemplos da prática pedagógica, tentávamos analisá-los com o apoio da literatura indicada.
Discussão sobre trechos pré-selecionados de artigos	<i>Capitalismo, trabalho, gênero e educação; Feminismo e política.</i> Seleccionei trechos de alguns textos que ajudavam nas explicações sobre alguns pontos importantes para o grupo, e discutíamos pontualmente sobre eles. Desse modo, conseguimos inserir diferentes perspectivas teóricas, e com a participação de todo grupo
Elaboração de proposta de atividade para incluir discussões sobre machismo/feminismo nos conteúdos	O grupo foi orientado a elaborar e apresentar uma proposta de trabalho com o tema em questão. Algumas docentes apresentaram suas propostas dentro de suas disciplinas específicas, outras disseram ter dificuldade de pensar em como fazer. Destas, uma professora propôs uma atividade após ouvir as ideias das demais colegas.
Reformulação de falas ditas no grupo	Após as transcrições de cada encontro, seleccionava trechos muito significativos sobre algum aspecto da discussão do dia, ou, algum trecho anterior que contrariava a síntese mais recente produzido. Imprimia estes trechos em papel, e levava para que o grupo discutisse sobre a fala, e, que se avaliavam que aquela fala seria outra no atual momento. Discutíamos a parti disso, as novas significações do grupo sobre o aspecto em discussão.
Elaboração coletiva e colaborativa de plano de formação continuada	Configurada a necessidade de ampliar a formação acerca do machismo nas relações escolares para todo grupo docente, realizamos durante três encontros atividade de formulação de plano de formação continuada para ser apresentada a coordenação. Definimos: Tema (machismo nas relações escolares, perspectiva feminista como possibilidade de enfrentamento); Objetivos (Ampliar o entendimento do grupo sobre o que é o machismo, para que possa identificar as expressões ainda que sutis; Diferenciar machismo de feminismo, apontando que o ultimo é a crítica e a possibilidade de enfrentamento da desigualdade entre homens e mulheres)

FONTE: A autora

## REFERENCIAL TEÓRICO

O conjunto epistemológico fundado na Psicologia sócio-histórica embasou esta pesquisa. Tal nomenclatura refere-se a abordagem teórico-metodológica fundada por Silvia Lane (BOCK, 1999) que teve como propulsor a nova psicologia de Vigotski.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

Ao colocar o materialismo histórico e dialético como base da nova psicologia, Vigostki deixou como herança um modo de investigar os processos psicológicos humanos que tem condições de acolher as contradições e superar as dicotomias “interno/externo; psíquico/orgânico; comportamento/vivências subjetivas; natural/social; autonomia/determinação” que, impedem a apreensão da totalidade do fenômeno em estudo (BOCK, 2015, p. 17).

A psicologia cultural de Vigotski apresenta uma concepção de humano como ser integral, não fragmentado em essencialismos biológicos ou sociais. Sem negar a condição biológica, assume que o desenvolvimento humano é histórico e social.

Nesta produção histórica também se produz o fenômeno psicológico, de forma que de acordo com a psicologia sócio-histórica “nos referimos ao psicológico como atividade do homem de registrar a experiência e a relação que mantém com o ambiente sociocultural” (AGUIAR, 2009, p. 96).

É na atividade humana que a pessoa constitui e é constituída, e a categoria Dimensão Subjetiva da Realidade significa o esforço teórico de produzir uma síntese com potencial de superar qualquer dicotomia entre objetividade/subjetividade. Seu valor heurístico está na potência explicativa enquanto unidade dialética objetividade/subjetividade, que carrega consigo as outras categorias - “Atividade, consciência, identidade, afetividade, linguagem, pensamento, sentidos e significados” – (AGUIAR, MACHADO, 2016, p. 48) que explicam o movimento dos fenômenos. Como Gonçalves e Bock explicam,

A dimensão subjetiva da realidade estabelece a síntese entre as condições materiais e a interpretação subjetiva dada a elas. Ou seja, representa a expressão de experiências subjetivas em um determinado campo material, em um processo em que tanto o polo subjetivo como o objetivo transformam-se (2009, p. 143)

Do exposto, entende-se que a análise da dimensão subjetiva revela as condições objetivas determinantes dos sujeitos, e como estes atuam na transformação da realidade ao objetivarem suas subjetividades, por isso sua análise possibilitou a aproximação com o fenômeno machismo na educação.

A noção de machismo que dirigiu a presente investigação considerou as contribuições de Heleieth Saffioti (2015) que explica como o entrelaçamento entre raça, classe e gênero é determinante nas relações patriarcais de gênero.

O posicionamento teórico de Saffioti possibilitou que ela apreendesse a dinâmica das relações patriarcais de gênero ignorada na época (anos 1960, 1970) tanto pelas

teóricas do feminismo liberal, que descolavam a desigualdade de gênero da questão de classe e raça (a absolutização da classe média branca), quanto por teóricas e teóricos marxistas que se fixavam na questão de classe, não admitindo o debate sobre qualquer outra mediação da realidade.

Saffioti apreendeu em suas pesquisas que o imbricamento patriarcado-racismo-capitalismo evidencia uma relação de dominação-exploração. Com essa observação, Saffioti defende a não fixação da questão da dominação a dimensão política, e a exploração a dimensão econômica, afirmando que, estas dimensões não possuem autonomia, mas sim compõem o mesmo processo (SAFFIOTI, 2015).

Saffioti (2013) também explicita a primazia das relações de produção e reprodução social na constituição das relações desiguais de dominação-exploração, e é por isso que a questão de raça e gênero nas relações sociais não podem ser analisadas autonomamente e de modo descolado deste sistema produtivo-reprodutivo.

Destas colocações de Saffioti, pode surgir a seguinte dúvida: É então o machismo uma construção do capitalismo? Um desdobramento deste modo de produção? Evidente que não. O patriarcado é uma instituição milenar, que remonta os primórdios das sociedades. No entanto, é necessário compreender que o capitalismo se constituiu a partir de condições históricas, e que se apoia nestas instituições para cultivar sua manutenção, como é o caso da dominação-exploração da mulher.

Nessa esteira da manutenção do capitalismo, do patriarcado e do racismo, está também, segundo Saffioti (2013, 1987) a manutenção dos privilégios para determinado grupo social: o homem branco que visa a acumulação do capital.

É importante frisar que no sistema de dominação-exploração da mulher não existe hegemonia. Quer dizer, que existe movimento de resistência da parte dominada, não existindo, portanto, uma dominação absoluta. “Como já se patenteou, sempre que há relações de dominação-exploração, há resistência, há luta, há conflitos, que se expressam pela vingança, pela sabotagem, pelo boicote ou pela luta de classes” (SAFFIOTI, 2015, p. 139)

É sobre esta dinâmica complexa de dominação-exploração que Saffioti (2015) pode apreender o que nomeou de teoria do nó para explicar como as desigualdades podem ser consubstanciadas na sociedade de classes, racista e patriarcal.

Saffioti (2015) entende que, gênero, classe, e raça são subestruturas de um nó constituído a partir da fusão patriarcado-racismo-capitalismo. A autora parte do

pressuposto de que embora seja preciso compreender a particularidade dessas relações de exploração-dominação, a fragmentação destas relações em unidades autônomas, não revela o movimento do real, já que uma análise segmentada destas subestruturas não pode produzir uma síntese da totalidade.

No nó elas [as subestruturas] passam apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos (2015, p. 133/134)

Esta dinâmica contraditória própria do nó que produz diferentes níveis de opressão, ao mesmo tempo produz os movimentos de resistência e de subversão. Saffioti (1987) explica que “esses três sistemas de dominação-exploração se fundiram de tal maneira, que será impossível transformar um deles, deixando intactos os demais” (p. 67).

Neste sentido, Saffioti convoca para uma articulação de movimentos de luta que desvelem a dinâmica do nó, é aprofundem a compreensão dos movimentos deste emaranhado, que produz dominação-exploração e resistência, que permite o planejamento de ações que tenham a emancipação humana no horizonte.

Embora Ivo Tonet (2012) situe a educação como uma mediação que serve para a reprodução social, ela como instituição componente da lógica capitalista, carrega consigo as contradições deste modo de produção. Por isso, ao mesmo tempo em que pode servir a reprodução da barbárie, serve também a superação dela.

Assim como Tonet, Bernard Charlot (1983), aponta para uma encruzilhada. No livro “A mistificação pedagógica”, indaga se a escola serve a alienação ou a libertação humana. Para o autor, a pedagogia está sendo constituída por certos discursos pedagógicos que concebem a natureza humana como essencialmente pré-existente e imutável, que se desenvolve independente das determinações históricas. Para Charlot (2013) esta perspectiva a-histórica que baseia tanto os currículos de tendência tradicionais, quanto os da pedagogia nova – inseridos na lógica pós-moderna- contribuem com os processos de alienação humana, uma vez que são ideológicas ao proporem uma busca por uma tal essência humana perdida.

Assim, Charlot (2013) defende uma pedagogia radicalmente crítica querena comprometida com a desvelamento da ideologia dominante e com a transformação da realidade.

As informações produzidas nos 13 encontros resultaram em um material denso que junto ao diário de bordo da pesquisadora, e mais algumas imagens fotográficas compõem o conjunto a ser analisado. O procedimento de análise utilizado foi o Núcleo de Significação que segue basicamente três momentos: O levantamento dos pré-indicadores durante as diversas leituras flutuantes do material; a sistematização destes pré-indicadores em indicadores segundo critérios de similaridade, complementariedade e contraposição; a construção dos núcleos de significação que são sínteses teóricas aprendidas na dialeticidade dos indicadores. É importante frisar que estes momentos não são etapas fixas, já que, nos Núcleos de Significação, a análise é marcada por idas e vindas. Por fim, é feita a análise internúcleos que revela a Dimensão Subjetiva do fenômeno, nos aproximando assim de sua essência (AGIAR, OZELLA, 2006; 2013).

As análises destacaram oito Núcleos de Significação, que interanalisados indicaram duas sínteses reveladoras:

### **1. Na escola existem movimentos de resistência e o não reconhecimento disso paralisa a ação**

NS 1 – “na escola ela [a desigualdade de gênero] estoura, mas é onde também se pensa, se questiona...” - A educação formal como mediação para a promoção de uma realidade menos machista é tensionada pelas condições objetivas de trabalho: Colaboração, coletividade e continuidade como premissas de um projeto de enfrentamento; NS 7 – “Da a sensação que as vezes que a gente critica muito e não valoriza o que a gente conseguiu.” – As potencialidades para a transformação do machismo na realidade escolar engendradas nas condições concretadas; NS 2 – “é assim, quando você começa a falar alguma coisa sobre machismo, as meninas elas param pra prestar atenção, elas querem saber!” – Machismo como um tema de interesse entre as estudantes, mas de difícil teorização por parte dos docentes: Movimentos de fuga e enfrentamento do real; NS 4 - “É aquela história de formação. Assim, eu acho bem válido, porque as vezes eu penso assim, como a gente vai formar, como a gente vai trabalhar essas questões que são bem complexas se você não tem uma base?” – A formação como uma necessidade motivada por aspectos da dimensão pessoal e profissional.

A educação formal é uma mediação determinante na constituição de posturas que enfrentem o machismo, as relações de dominação-exploração da mulher. São as contradições que expressam essa potencialidade. Nestes três núcleos podemos observar que estas contradições são bem destacadas. Ora compreende-se como necessário para o enfrentamento ao machismo na escola um projeto único, coletivo. Ao mesmo tempo, isto surge como um limitador, uma vez que docentes têm objetivos diferentes, que estão baseados em crenças que podem ser muito pessoais. Entramos em uma discussão mais ampla que abrange o objetivo da educação, a função da escola, a organização do ensino (BNCC, Diretrizes...). Evidente que não caberá aqui nesta análise a inclusão de todos estes documentos, mas juntos eles conformam uma mediação que não é suficiente para garantir esta proposição de um trabalho com objetivo comum. Estas mediações são mediações de uma sociedade individualista, desigual, a sociedade capitalista. Ao mesmo tempo, encontramos na escola que é organizada por esta mediação as potencialidades de transformação (as formações oferecidas, os espaços de formação em serviço legitimado por um plano de carreira, conselhos, colegiados, e os projetos tais como o TCA, muito destacado pelo grupo). Estamos entendendo que é preciso um trabalho formativo que promova esta perspectiva de educação para a superação das desigualdades como objetivo comum. O projeto de educação formal, pública deveria ser este.

Também é importante evidenciar que desta análise surgem pontos importantes: a escola não está alheia ao que é machismo. Existe luta, existe enfrentamento. Há um clamor para que seja reconhecido o que vem sendo feito, e muito é feito nas escolas que uma análise apressada não revela, e acaba somente denunciando talvez uma imperícia nas explicações sobre o que é o machismo, ou a forma como um docente aborda este assunto. Certamente isso precisa entrar nas pautas de formação, mas existe um movimento nas escolas que é de enfrentamento.

## **2. Mediações determinantes na promoção de movimentos transformativos intencionais**

NS 3 – “Eu acho que [o machismo] é uma relação de poder. É... aí precisava ir pra um lado mais biológico, (...) os homens têm mais testosterona, essas coisas, (...) a sociedade ajuda nisso, a igreja principalmente”: Significações que revelam o movimento de naturalização/desnaturalização das desigualdades; NS 5- “lá eles tão pra se representar, quer dizer que é a bancada da bala, a bancada da bíblia, então quer dizer,

eu não me sinto representada! E eles não estão fazendo nada por mim, eles estão fazendo por eles mesmos.” – Elevando o machismo do cotidiano a categoria de fenômeno social, histórico e sistêmico; NS 6 – “Eu sou aquela radical! (...) eu só dou exemplos de mulheres. De mulheres sucedidas na vida, e não de homens. Mulher, mulher, mulher, mulher, na frente sempre. Não tenho nenhum homem como referência.” – O reconhecimento da visibilidade e representatividade feminina como elementos necessários à superação do machismo; NS 8 – “o patriarcado se fortalece no capitalismo porque ele quer produzir mais e pagar menos, então a mão de obra feminina vem atender essa necessidade, já que o homem é superior ele tem que ganhar mais” – As particularidades do fenômeno machismo que acirram as desigualdades nas relações das pessoas pobres e periféricas.

Toda esta postura de enfrentamento, (que tem ao mesmo tempo momentos de paralisia diante do não compreendido, diante da hipótese de que existe uma separação entre aquelas situações de machismo que vivenciam com estudantes e alguma teoria sobre o machismo que, se bem entendida poderia “resolver” tais problemas) está determinada pelas significações do grupo que compreendem que o machismo (vou acabar explicando que é como um sinônimo de relações patriarcais de gênero, sistema de dominação-exploração da mulher) é um sistema estruturante das relações humanas. Se em um primeiro momento, julgam ser algo biológico, ou de uma determinada geração, quando aprofundamos na discussão e confrontamos este julgamento com a realidade significam o machismo como fenômeno histórico e social, multideterminando pela questão da classe, da raça, do gênero, da geração.

Existem mediações que constituem esse grupo determinando essa perspectiva crítica, que coloca as próprias “certezas” em cheque no confronto com a realidade. Não se trata de “medir” essas mediações, mas de entender que: são docentes de posicionamento político progressista; são docentes que tem muita preocupação com a formação continuada e em serviço; são docentes que participam de movimentos sociais; são docentes que vivenciaram o período da ditadura militar e guardam memórias que levam a valorizar a liberdade, o conhecimento, a escola como mediadora da transformação da vida das pessoas; são docentes que valorizam o conhecimento científico ainda que tenham crenças religiosas, espirituais; significam seu trabalho

como o de responsáveis pela transformação, pela mudança da condição de vida dos estudantes.

O momento histórico é marcado pela dualidade: os que defendem governos extrema-direita, e os que condenam. Para o último grupo, os últimos tempos têm sido bem difíceis. Vemos a cada dia direitos básicos que garantem a integridade humana serem devastados. Isso nos afeta de um modo extremamente emocional, e isso fica muito explícito em diversos momentos do grupo. Desses sentimentos angustiantes também emergem os movimentos de revolta com o que está posto, existe um certo combustível que provoca a ação de enfrentamento, ao mesmo tempo em que o sentimento de impotência é sempre anunciado, vindo acompanhado de muito sofrimento, tristeza. Dadas essas condições, o trabalho de PTF indicou ser uma mediação importante para que esse grupo ampliasse/aprofundasse a transformação no posicionamento diante do machismo nas relações. Se é possível qualificar, digo que o processo foi muito positivo no desenvolvimento de ações de enfrentamento ao machismo: Incluir este tema no planejamento de aulas, apresentar proposta de formação para os demais docentes sobre machismo e sobre feminismo, melhorar modos de intervenção em situações de conflito em que o machismo se evidencie, tentando deixar de lado modos que individualizem o problema, ou não expressem a essência social do fenômeno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração dos problemas e objetivos desta pesquisa iniciou considerando o machismo como sinônimo de relações patriarcais de gênero: fenômeno estruturante das relações institucionais que impede o pleno desenvolvimento de homens e mulheres, constituído pela dominação-exploração da mulher. Ao final desta pesquisa ainda existem dúvidas se é possível afirmar que o machismo é o mesmo que relações patriarcais de gênero. Por isso, é indicado que em futuras pesquisas essas especificidades, se é que existem sejam mais bem delineadas.

As análises pelo procedimento dos Núcleos de Significação indicaram que o machismo nas relações escolares é um fenômeno de alta complexidade e multideterminado na educação. O grupo destacou a religião, a conjuntura política, a classe e a geração como mediações determinantes na produção das relações patriarcais

de gênero na educação. Essas análises também indicaram que a Pesquisa-Transformação pode ter se constituído em uma mediação importante na produção de posicionamentos de enfrentamento ao machismo na escola.

É importante considerar que o grupo é constituído por docentes engajadas em processos formativos e atuação política, além disso, essas docentes e o docente participante trabalham a muito tempo nesta escola, além de serem moradores do território escolar. Esse território é em demasia carente de infraestrutura e de uma presença efetiva do Estado. Neste momento, as igrejas exercem o papel do Estado com trabalhos filantrópicos. O grupo reconhece que esta terceirização da função do Estado é crucial para que a comunidade seja dominada por ideologias que negam as contradições da realidade.

Diante disso, nos questionamos se estes elementos particulares são determinantes na constituição deste posicionamento de enfrentamento ao machismo? O grupo ao mesmo tempo que se engaja na ação, expressa sentimentos que causam uma certa paralisia diante dos desafios de incorporar este posicionamento na prática pedagógica. Apontam grande dificuldade em estabelecer um diálogo franco e produtivo com as famílias e até mesmo alguns colegas.

Diante desta dificuldade, o grupo ressalta a formação continuada e a garantia do acesso ao conhecimento são elencadas como fundamentais na constituição deste posicionamento. Inclusive, para o grupo estas duas mediações poderiam produzir movimentos de transformação da realidade.

Aqui observa-se uma contradição que reduz o fenômeno das relações patriarcais de gênero a um evento mecânico, cuja causa pode ser a falta de conhecimento acerca desta desigualdade, de modo que eliminando esta causalidade o problema da desigualdade estaria solucionado. É interessante que esta concepção é produzida em momentos de tensão entre a realidade e a possibilidade do devir.

Entende-se que na escola o fenômeno das relações patriarcais de gênero é constituído por mediações muito particulares a cada território, a questão do uso de drogas, o envolvimento com o crime e o início precoce da vida sexual elevam o nível da desigualdade entre homens e mulheres.

Para o grupo participante todas estas mediações produzem um machismo perverso na vida de seus alunos e alunas. Por outro lado, o grupo parece não acreditar

que sua ação pode gerar transformação, dada a necessidade recorrente de solicitar ajuda à supostas especialistas do assunto.

Por outro lado, sentem-se em condições de propor processos formativos aos seus colegas no sentido de promover um movimento de mudança na escola. Essa noção de coletivo, e de unidade no trabalho é algo muito caro ao grupo.

A necessidade do trabalho em grupo surge como uma das condições para a promoção de movimentos de enfrentamento ao machismo. No entanto, alguns aspectos das condições de trabalho dos docentes dificultam a realização de um trabalho coletivo e colaborativo.

Sobre estas condições o grupo resalta a falta de condição para a formação continuada, devido aos baixos salários. Muitos professores da escola necessitam acumular cargos e funções em outras instituições, o que limita o tempo de participação nas formações continuadas da escola. Este aspecto é amplo e toca diretamente na esfera da organização do ensino e do plano de carreira docente.

Contudo não há críticas quanto a qualidade das formações oferecidas, o grupo enaltece esta qualidade tanto da equipe de coordenação da escola, quanto da rede Municipal de ensino. Ainda que para alguns docentes essas formações sejam deficitárias uma vez que não vão ao encontro das necessidades da escola.

Há uma crítica principalmente a ausência de formação que trata das desigualdades, tão constituidoras das relações no território. É interessante que os elementos ausência de formação, qualidade da formação e temática da formação não parecem articulados nestas significações, e isso produz um sentimento de carência de formação continuada, ao mesmo tempo em que se assume que as formações ocorrem e têm qualidade.

O grupo de professores expressa muita angústia e sofrimento dado o atual momento histórico. Existe um sentimento de desalento, de desesperança e um certo medo do devir. A sentimentos de isolamento, ao ponto de que se entende que as únicas pessoas capazes de entender e acolher um diálogo são as próprias colegas de trabalho, e ainda assim, nem todas.

A extensão e complexidade deste trabalho não garantiu a apreensão de todas as mediações que constituem o fenômeno machismo nas relações escolares, contudo o conhecimento produzido durante a Pesquisa-Trans-Formação foi fundamental para aprendermos o movimento do fenômeno na realidade investigada. A produção deste

conhecimento promoveu mudanças, mudanças que não são possíveis de medir, mas que se mostram existentes seja quando o grupo planeja uma proposta de formação continuada, seja quando se reconhece paralisado diante do desafio.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; MACHADO, V. C.. Psicologia sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 261 – 270, abr./jun., Campinas, 2016.

AGUIAR W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia ciência e profissão**, v. 26, n.2, p. 222 – 245, 2006.

BOCK, A. M. B. **Aventuras do Barão de Munchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC: Cortez Editora, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de educação. Conselho Plano. **Base Nacional Comum Curricular**. Resolução CNE/CP, nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**, 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2018

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.



LEMOS, L. M. A ideologia da ideologia de gênero e a escola. **Vértices**, v. 19, n. 3, p. 51-62, set./dez., 2017.

LESSA, S. Lukács, ontologia e método: Em busca de um(a) pesquisador(a) interessado(a). **Revista praia vermelha**, Pós-graduação em Serviço Social, v. 1, n. 2, p. 141 – 173, Rio de Janeiro, 1999.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 1845, 1846/ 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. **Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais/FLACSO**, Brasil, jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Gênero Patriarcado Violência**. 2ª ed., São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 215

TONET, I. **Educação contra o capital**. 2ª ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

UNBEHAUM, S. G. **As questões de gênero da formação inicial de docentes: tensões no campo da educação**. Doutorado em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.